

SÉRGIO DE CAMARGO



- 1930 nasce no Rio.
- 1948 após haver estudado com Emilio Petorutti e Lucio Fontana na Academia Altamira, de Buenos Aires, viaja para a Europa, travando então conhecimento com Brancusi e Arp e frequentando o curso de filosofia da Sorbonne.
- 1961 fixa-se definitivamente em Paris, de onde só retorna mais longamente ao Brasil em 1972.
- 1963 premio internacional de escultura na III Bienal dos Jovens (Paris).
- 1964 figura na mostra O Hoje de Amachã (Museu de Arras) e nas I e II (1965) exposições-piloto de Arte Cinética (Galeria Signals, Londres).
Exposição individual na Galeria Signals. Desde então, cabe destacar entre suas outras individuais: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1965) e galerias Del Naviglio (Milão, 1967), Gimpel (Hanover, 1968, e New York, 1969), Estudio Actual (Caracas, 1972) e Collectio (São Paulo, 1972).
- 1965 premio de melhor escultor nacional na VIII Bienal de São Paulo. Figura na mostra Movimento II (Galeria Denise Reupé, Paris).
- 1966 dispõe de sala individual na XXXIII Bienal de Veneza.
- 1968 executa um grande painel em concreto para o Palácio dos Arcos (Brasília).

Bibliografia

- AYALA, Walmir. *A Criação Plástica em Questão*. Editora Vozes, Petrópolis, 1970, p. 255-61.
- BARDI, Pietro Maria. *Profile of the New Brazilian Art*. Livraria Kosmos Editora, Rio, 1970, p. 81-2.
- CHEVALIER, Denys. "Sergio de Camargo". *Aujourd'hui*, Paris, n.º 46, julho 1964.
- CLAY, Jean. Apresentação no catálogo da individual de Camargo no Estudio Actual, 1972.
- FRANÇA, José-Augusto. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 1.º fevereiro 1964.
- "O Relevo de Camargo". *Veja*. São Paulo, 6 agosto 1969, p. 68-9.
- STROZENBERG, Armando. "Sergio de Camargo / Um Brasileiro Internacional". *Jornal do Brasil*. Rio, 16 junho 1970.

O contato desde cedo com a criação visual no ambiente europeu, conhecendo de perto artistas como Brancusi e Arp, cuja linguagem incorporaria, deu a Sérgio de Camargo, sobretudo após a fixação em Paris, de 1961 a 1972, a possibilidade de acrescentar outro importante nome ao de alguns outros sul-americanos hoje internacionalmente reconhecidos no âmbito da arte de efeitos ópticos ou cinéticos, entre os quais Julio le Parc, Carlos Cruz-Diez, Jesus Rafael Soto, Demarco e Abraham Palatnik. Como em geral ocorre com cada um desses artistas, a pesquisa rigorosamente abstrata de Sérgio de Camargo parece reduzi-lo a um insistente exercício de variações sobre o mesmo tema e material; no entanto, a já longa série de relevos — acúmulos de pedaços de madeira, usualmente cilíndricos, pintados de branco e dispostos sobre uma superfície plana, igualmente branca — iniciada em 1961, revela a diversidade inesgotável de modos de se abordar um núcleo só, austeramente definido e desdobrado, de opção expressiva. Cada trabalho indica o ponto de partida e a sua mutação específica: uns são obsessivamente compostos daqueles módulos de madeira, de idêntica ou distinta espessura e comprimento, criando de repente intensíssimas zonas de vibração entre as formas reais e suas projeções, entre o plano e o espaço, entre a luz e a sombra; outros nascem de apenas alguns ou de um só elemento irrompendo, musical ou agressivo, da superfície de origem, como a propor o primeiro ou primeiros momentos de um jogo incessante, sempre acrescentável e subtraível, dividível e completável, retilíneo e curvilíneo, pluridimensional e unificado. Inserido numa linguagem hoje internacional, há um aspecto que diferencia substancialmente o trabalho de Camargo do de muitos de seus companheiros de rumo: a ele nunca importou, de modo direto, o aproveitamento de recursos e processos tecnológicos contemporâneos, preferindo manter o uso exclusivo de materiais naturais, como a madeira (e, vez ou outra, o mármore), e se restringir ao estudo e aplicação de virtualidades cinéticas, dinamizadas pelo esforço próprio de percepção do espectador.

ARTE / BRASIL / HOJE

50 ANOS DEPOIS

Roberto Pontual

Collectio ano ? 1972